



**PERMANÊNCIAS RURAIS NO RECIFE:
espaço, tempo e análise da arquitetura rural remanescente**

**RURAL REMAININGS IN RECIFE:
space, time and analysis of the remaining rural architecture**

Igor Villares de Carvalho

*Escola UNICAP ICAM-TECH; Universidade Católica de Pernambuco, Brasil
igor.villares@unicap.br*

David de Souza Brito

*Escola UNICAP ICAM-TECH; Universidade Católica de Pernambuco, Brasil
david.00000847204@unicap.br*

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados parciais de uma pesquisa em andamento onde primeiramente exploramos os conceitos fundamentais para compreender o cenário urbano, considerando as estruturas rurais presentes nesse ambiente. Estes conceitos incluem espaço, tempo e paisagem. Após solidificar essa compreensão, avançamos para a coleta de registros e dados arquivados em instituições municipais e estaduais, abrangendo o período de 1875 a 2014. Estes registros capturam diversas situações ao longo do tempo, permitindo uma análise histórica da integração da vida rural ao ambiente urbano e como essa interação contribui para uma compreensão aprofundada do território da cidade do Recife.

Palavras-chave: espaço, rural, urbano, território.

Eixo temático: 2. Cidade e Meio Ambiente **Tópico:** Patrimônio arquitetônico rural

ABSTRACT

This article presents the preliminary outcomes of an ongoing research endeavor in which we initially delve into foundational concepts aimed at comprehending the urban landscape, while considering the rural structures within this milieu. These conceptual underpinnings encompass space, time, and landscape. Following the establishment of this foundational understanding, we progress to gather records and data archived within municipal and state institutions, spanning the period from 1875 to 2014. These records encapsulate diverse temporal situations, thereby enabling a historical analysis of the integration of rural life into the urban environment and how this interplay contributes to a nuanced comprehension of the territory of the city of Recife.

Keywords: space, rural, urban, territory.

Thematic clusters: 2. City and Environment **Topic:** Rural architectural heritage

Introdução

Este artigo apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa em andamento realizada no nível de Iniciação Científica (PIBIC) e apresenta uma discussão acerca das relações urbanas e rurais na cidade do Recife do século XIX a meados do século XX por meio de uma análise cartográfica e levantamento de edificações remanescentes rurais protegidas pela legislação vigente. A catalogação das edificações de origem rural presentes no contexto urbano atual da cidade do Recife permite a criação de uma cronologia acerca das edificações, sendo possível, através de diagramas diacrônicos e sincrônicos - gerados a partir do levantamento de mapas, observar a importância histórica e social das edificações, assim como o presente estado e uso, na cidade do Recife. O artigo também discute questões conceituais a cerca do espaço e do tempo considerando que tais categorias desempenham um papel vital na educação patrimonial, conectando-nos com as raízes culturais e históricas. Compreender a evolução dos locais ao longo do tempo e sua relação com eventos históricos enriquece nossa apreciação pela herança cultural. O conhecimento sobre como os espaços foram moldados pela passagem do tempo nos ajuda a preservar e proteger bens tangíveis, foco desta pesquisa, e também os intangíveis. Em suma, esta pesquisa visa apoiar a educação patrimonial, sustentando um elo entre o passado (rural) e o presente (urbano) visando e o futuro.

1. Discussão conceitual

1.1.1. Espaço

O espaço é uma palavra-chave e de difícil compreensão que pode ser tomado como uma divisão tripartite: espaço absoluto, espaço relativo e espaço relacional (Harvey, 2012). Entendendo o conceito a partir dessa definição, entende-se o espaço como material vivido, que transmite sensações e emoções, e que é carregado de significados. Servindo de maneira intrínseca, o espaço foi e é habitado, foi e é modificado, desse modo está conectado diretamente com a história de um lugar e de uma sociedade. Os espaços presentes na cidade do Recife, marcados pela relação rural-urbana, revelam a importância histórica e social das edificações rurais que permaneceram ao longo da história, resistindo ao tempo e às modificações que ocorreram na cidade. No presente artigo, foram observados as condições e usos dessas edificações rurais no contexto atual, além de analisada a importância deles nesse contexto.

No ramo da geografia, compreende-se como conceitos-chaves cinco pontos principais: o território, a paisagem, o lugar, a região e o espaço geográfico. Partindo desse princípio, para esse estudo é importante destacar e distinguir os espaços geográfico e arquitetônico. Entende-se como espaço geográfico o espaço dotado de habitação, modificado e transformado pela ação antrópica para fins econômicos ou sociais, abarcando também os ambientes naturais explorados e locais de extração de recursos. Segundo Corrêa (2001, apud Leitão e Lacerda, 2016), o conceito de “espaço” na geografia se torna o principal objeto de estudo apenas na década de 50, a partir da afirmação da geografia como ciência espacial, e é amplamente difundido pelo escritor e geógrafo Milton Santos (2002), com a sua análise baseada na geografia crítica. Já o espaço arquitetônico, pode ser compreendido como o objeto de estudo projetual da arquitetura que apresenta funções e técnicas de produção, agregando, assim, experiências sensoriais e de composição, ou seja, é o espaço originado a partir da ação humana com uma proposta de composição estrutural e funcional. “Diferentemente da concepção de espaço em outros campos disciplinares, o espaço arquitetônico se define por um vazio que o constitui em consequência de uma ação humana compositiva. Em outras palavras, o espaço da arquitetura é necessariamente projetual” (Leitão e Lacerda, 2016: 809).

Para o arquiteto e urbanista Le Corbusier, o espaço é tido como matéria-prima para o desenvolvimento e a sua compreensão estética é capaz de atingir o íntimo de cada indivíduo. Le Corbusier (1946, apud Simões Rozestraten, 2015: 03-04) afirma que “tomar posse do espaço é o gesto primeiro dos seres vivos, dos homens e dos animais, das plantas e das nuvens, manifestação fundamental de equilíbrio e de duração”. Com isso, infere-se que, a partir do espaço e da sua transformação, há um processo de produção contínuo que torna aquele local uma área de convívio social, uma área civil capaz de agregar ao coletivo e que não pode acabar com a manifestação de propósitos individuais, com suas respectivas particularidades no que diz respeito ao

caráter estético, na distância dos sítios para estabelecer relações, a utilização de edifícios públicos, o requinte de fachadas de praças e outras construções, e tudo isso contribui para que sejam agregados valores que conferem identidade a um povo. “A arquitetura, a escultura e a pintura são especificamente dependentes do espaço, vinculadas à necessidade de gerar o espaço, cada uma por meios apropriados. [...] toda a ambiência vem pesar sobre este lugar onde está uma obra de arte, signo de uma vontade do homem, que lhe impõe suas profundidades ou seus deslocamentos, suas densidades duras ou suaves, suas violências ou suas doçuras” (Le Corbusier, 1946: 04-05).

Partindo desse princípio, tem-se o objeto fundamental para o estudo das cidades e das edificações, que é o espaço, e a partir dele há o processo de arquitetar, transformando-o em um espaço edificado para o surgimento e modelagem do espaço interior. Esse espaço interno que proporciona conforto, abrigo e experiências sensoriais é a arquitetura em sua mais pura forma, afinal, um dos pilares da tríade vitruviana, o *utilitas*, diz respeito ao objeto funcional da arquitetura que é a organização de seu interior de modo racional pensado por meio de uma lógica com o objeto principal de estudo como sendo o ser humano. “A definição mais precisa que se pode dar atualmente da arquitetura é a que leva em conta o espaço interior. A bela arquitetura será a arquitetura que tem um espaço interior que nos atrai, nos eleva, nos subjuga espiritualmente; a arquitetura feia será aquela que tem um espaço interior que nos aborrece e nos repele. O importante, porém, é estabelecer que tudo o que não tem espaço interior não é arquitetura” (Zevi, 2016: 24).

A partir da definição de Zevi, deve-se definir e distinguir os espaços internos e externos no tocante à arquitetura, visto que, como supracitado, tem-se definições distintas para outras áreas do conhecimento. A arquitetura, então, trata especificamente da geração dos espaços internos com a inserção da figura humana em seu núcleo, já o espaço externo não lhe diz respeito, visto que, seja numa escala micro, como a de uma residência, seja ou numa escala macro, no caso de uma cidade, há espaços abertos e fechados e “o espaço da rua, exterior em relação a um edifício em particular, conforma, ele próprio, em composição com cada uma das outras edificações da rua, um outro espaço interno, e assim sucessivamente” (Leitão e Lacerda, 2016: 814).

Tendo em vista o foco no espaço rural, na verdade nas reminiscências da ruralidade, desta pesquisa é necessário questionar a pesquisa de Zevi quanto ao caráter espacial da arquitetura, pois o autor e Leitão e Lacerda (2016) contrapõe-se quando o primeiro valida apenas o espaço interno e as autoras o consideram como parte essencial da práxis arquitetônica, que não é exclusivamente urbana. Em síntese, é importante destacar que a partir do vazio, que também é um objeto de estudo arquitetônico, podendo ser gerado de forma intencional ou não, originam-se os espaços e, a partir deles, têm-se os princípios da geração da forma, da organização, contextualização e de atribuição de qualidades do espaço para acolher o ser humano.

1.1.2. Tempo

O patrimônio histórico desempenha um papel fundamental na preservação da identidade cultural de uma sociedade, refletindo sua história, valores e evolução ao longo do tempo. No entanto, é o inexorável fluxo do tempo que confere um caráter único e enriquecedor aos locais de patrimônio, especialmente os de natureza rural, que subsistem em meio a um cenário urbano em constante transformação. Nesse contexto, explorar o delicado equilíbrio entre a preservação do passado e a necessidade de adaptação ao presente revela-se crucial para garantir que a herança histórica rural permaneça uma narrativa viva e relevante em meio à tapeçaria urbana da contemporaneidade.

No tempo presente das cidades confluem: o passado marcado na urbe através do patrimônio material e imaterial, para que nelas as pessoas se reconheçam e identifiquem por meio da memória e história; e a conjectura do futuro articulada por planos e projetos de renovação do espaço em antecipação por vezes utópicas de um outro novo tempo.

Para Bauman, sociólogo polonês, os líquidos, diferentemente dos sólidos, não fixam o espaço e nem prendem o tempo. Ele compara esses líquidos com a sociedade moderna atual afirmando que não há mais uma solidez nas relações sociais e econômicas em função da dinâmica das relações que a tecnologia moderna atual consegue proporcionar, classificando-a como uma “sociedade líquida”. Com isso, há a ideia de que os fluidos

não estão fixos a qualquer tipo de forma e estão predispostos a se transformarem, “[...] assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas ‘por um momento’” (Bauman, 1999: 02).

De tal modo, trazendo a definição de Bauman para o contexto da cidade, pode-se falar nas transformações estruturais ao longo dos anos e na relação da sociedade com ela, tratando assim das cidades “sólidas”, fixas, permanentes e constantes e das cidades “líquidas”, fluidas, impermanentes e inconstantes que estariam num processo contínuo de transformação, substituindo ou apenas se tornando impositivas em relação às anteriores. Assim, no que diz respeito às cidades permanentes, há a utilização de padrões e estruturas mais fixas, com maior estabilidade da sociedade nos diversos setores, e também “caracterizam essa fase o crescimento urbano, a racionalidade, a padronização e a valorização da tradição nos processos, as cidades eram dominadas pelas permanências” (Nakayama et al., 2019: 06).

1.1.3. Paisagem

Paisagem: capaz de transmitir a história de um lugar e diversos aspectos que caracterizam uma sociedade traduzindo a subjetividade de um povo. A noção do que é paisagem acompanha a existência humana, mas sua conceituação começa a ser elaborada através das memórias geradas pelas paisagens retratadas nas artes, com as expressões artísticas de poetas e pintores. Kotler (1976, apud Maximiano, 2004).

Tal categoria assume um papel primordial na percepção do patrimônio arquitetônico rural dentro de um ambiente urbano, unindo as estruturas do passado com o cenário em constante evolução. A interação entre as edificações históricas e o contexto natural circundante não apenas ressalta a beleza estética, mas também enriquece a compreensão da história local, proporcionando um elo tangível entre as gerações passadas e presentes.

“A paisagem, dizemos, surge quando, no solo, uma ampla dispersão de fenômenos naturais converge para um tipo particular de unidade, diferente do sábio em seu pensamento causal, ou o adorador da natureza com seu sentimento religioso, ou um fazendeiro com seu propósito teleológico ou o estrategista compreendendo corretamente esse campo visual” (Simmel, 2009: 13).

Os conceitos de paisagem, portanto, são fundamentais para a compreensão do artigo em questão, visto que a paisagem, que muda continuamente, representa as vivências e experiências ao decorrer do tempo, externando a relação entre indivíduo e o meio em que ele está inserido. Segundo Mario e Berengo (2011), é insuficiente ter a percepção da paisagem apenas como um lugar de beleza, pois a paisagem é o todo percebido, seja ele belo ou degradado.

A paisagem da cidade do Recife, como qualquer outra paisagem, tem sido modificada, e teve sua primeira mudança expressiva com a expansão territorial e a atuação do homem dentro do seu território; a paisagem, antes quase completamente rural, deu rapidamente espaço para o urbano, restando poucas edificações rurais. A preocupação com a preservação dos elementos naturais presentes na paisagem urbana e com a preservação dos sítios de valor histórico e cultural presentes na cidade passou a existir a partir da instalação das linhas de bonde elétrico que alteraram não só a paisagem do território urbano mas também a do território rural, o que exigiu uma manifestação social, formalizada na Lei 14.511, de 1983, na câmara municipal do Recife, e resultou na criação das Zonas Especiais de Preservação, com a intenção de preservar as paisagens rurais presentes dentro do território urbano.

O filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso tem como máxima: “Nada é permanente, exceto a mudança”, afirmando, assim, a liquidez das coisas. Analogamente a isso e o contextualizando, tem-se o processo de modificação a partir de uma óptica de aprimoramento das funções sociais das cidades com base em políticas socioeconômicas. De tal modo, o Recife seguiu essa projeção, ao longo das décadas, e suas transformações urbanísticas se consolidaram por meio da introdução dos “grandes projetos urbanos pela apropriação do espaço e a transformação dele de acordo com os interesses e necessidades do capital”. (Serafim, 2012: 07).

Segundo a arquiteta e urbanista Ana Rita Sá Carneiro (apud Silva e Melo, 2016: 186-188), os parques e jardins são os grandes estruturadores da paisagem e, desde o início do século passado, a cidade do Recife passou a ser privilegiada com parques públicos, atribuindo-lhe melhor caráter estético para a valorização de sua área. Com isso, a paisagem urbana ganha uma tonalidade de modernidade e maior interesse, o que garante maior fluxo de pessoas e capital, resultando no desenvolvimento e na transformação da paisagem no decorrer do tempo. A tipologia arquitetônica de casas pátios, na arquitetura contemporânea, tem sido cada vez mais valorizada por esse motivo, para que seja buscado uma maior integração entre o homem e a natureza, preservando, assim, aspectos naturais da paisagem. Elas ganham força a partir do século XX com o ecletismo e por meio das influências de residências de origem espanhola na América Latina.

Seguindo essa lógica, devido à necessidade e considerando a dependência da relação do homem para com a natureza e seu espaço, que é a matéria fundamental para a construção do espaço arquitetural, compreende-se como sendo ações resultantes de planejamentos elaborados de maneiras imprudentes as áreas urbanas compostas predominantemente de edifícios e com pouca valorização da paisagem natural, transformada completamente pela ação antrópica. Essa concepção negativa tem em vista que a ausência da paisagem natural acarreta complicações para a saúde e bem-estar de uma sociedade, bem como da própria cidade, tornando o espaço nocivo para a habitação.

1.2. Procedimentos Metodológicos

A demanda metodológica subjacente à pesquisa em questão engloba procedimentos como catalogação e análise legislativa, levantamento e digitalização cartográfica, bem como comparação dos documentos coletados entre os anos 1916 e 2008. Esses métodos estão em fase de desenvolvimento para serem posteriormente validados por meio de análise por pares, com o intuito de estabelecer uma metodologia para mapeamento e análise legislativa conjunta. O objetivo principal é localizar edifícios rurais e suas permanências, além de analisar o território.

Os procedimentos delineados têm como propósito identificar de maneira sistemática as estruturas arquitetônicas de origem rural que ainda subsistem no contexto urbano, estabelecendo um processo de localização claro e que assegure um grau de precisão significativo. Embora atualmente se encontrem em estágio preliminar de desenvolvimento, tem-se a intenção de aprofundá-los e refiná-los por meio da revisão por pares, com o objetivo de criar um método com resultados mensuráveis e um nível de precisão quantificável.

Neste momento o presente trabalho teve início com o cartográfico da cidade do Recife abrangendo o período entre 1916 e 2020, abrangendo aproximadamente um século. Esse levantamento foi realizado por meio da análise de mapas correspondentes a cada período.

Com base nesse material coletado e comparado, deu-se início à próxima etapa da pesquisa. Essa fase envolveu a criação de um catálogo virtual destinado a facilitar a identificação de edificações de origem rural no contexto urbano atual do Recife. Para esse levantamento, foram consultados recursos como o livro de tombos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FundarPE), bem como listas de Imóveis Especiais de Preservação (IEPS) e Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural (ZEPHS). Essas informações podem ser encontradas na Figura 04.

A etapa seguinte consistiu em identificar as edificações rurais na cidade do Recife desde o ano de 1639 até as estruturas remanescentes encontradas em 2008. Esse processo representa uma das fases mais cruciais da pesquisa. Iniciou-se com a comparação de mapas e leis, o que auxiliou a compreender a localização das estruturas arquitetônicas rurais na cidade, bem como seus destinos e as razões subjacentes à sua concentração nas áreas periféricas da época.

A partir disso, foram desenvolvidos dois tipos de diagramas: os sincrônicos e os diacrônicos, cujo modelo é explicado na Figura 01. A diacronia foca em descrever momentos históricos específicos, analisando a maneira como a arquitetura rural foi inserida e se manteve na cidade do Recife ao longo do tempo. Por outro lado, os mapas sincrônicos representam um ponto no tempo, usando uma única cor para cada ano estudado. Quanto aos mapas diacrônicos, eles sintetizam as edificações ao longo das décadas, empregando uma paleta de cores em degradê para indicar a década de cada elemento arquitetônico e sua preservação ao longo do tempo. Isso auxilia na identificação de áreas com menor transformação e possíveis permanências.

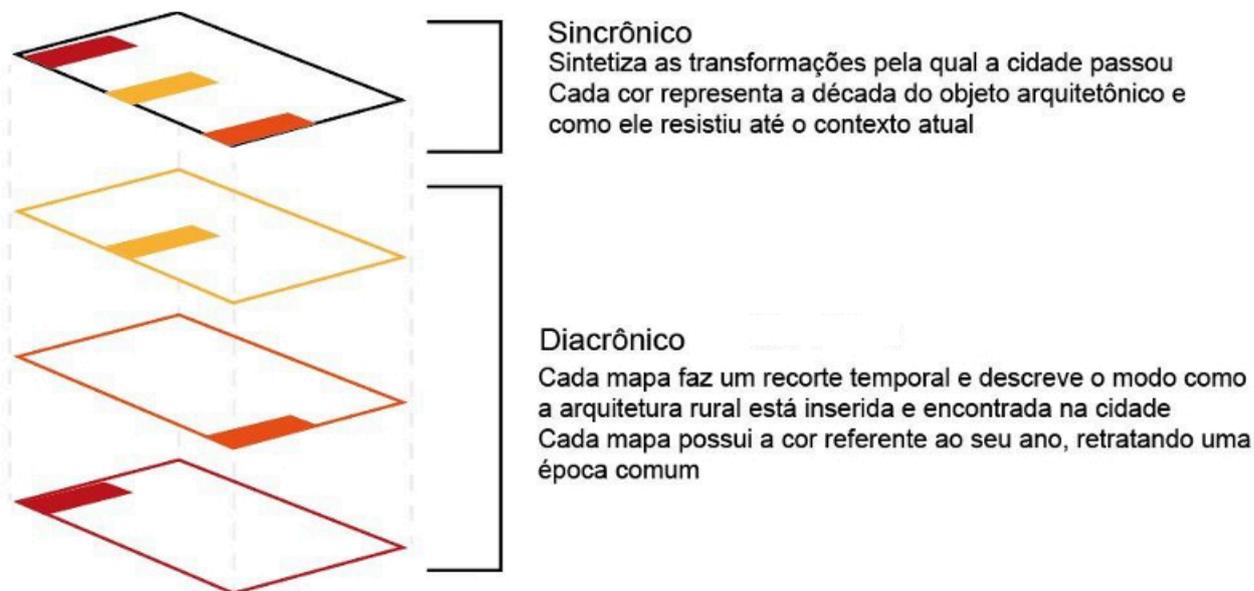


Fig. 01: Esquema da Sincronia e Diacronia na Cartografia Fonte: De Carvalho, Silva e Melo (2022)

Os conceitos de diacrônico e sincrônico são conceitos retirados da linguística, forjados pelo linguista Ferdinand de Saussure. O primeiro conceito a ser explicado trata-se do sincrônico, isto é, aquele que estuda o fenômeno da língua em uma determinada época através de um recorte de uma fase, a sincronia é descritiva e estática, trata-se de um pedaço da história em um determinado ponto. Quando se fala do conceito de diacrônico, estudam-se os fenômenos da língua em sua evolução ao longo do tempo. Para Saussure, “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designam respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução” (Saussure, 1995: 96).

1.3. Resultados preliminares

Para a pesquisa de levantamento de dados em arquivo partimos como base esses conceitos acima desenvolvidos, procuramos adaptar para o estudo da história, para que pudéssemos compreendê-la a partir tanto do estudo de uma área, de maneira estática e fazendo um recorte no tempo, quanto de maneira dinâmica, observando a evolução desse espaço através do tempo e quais foram as observações das mudanças que aconteceram em relação ao crescimento da área, bem como o que permaneceu através da história. Com essa compreensão, apresenta-se um diagrama sincrônico (figura 1) que condensa os dados levantados as ideias descritas acima e da cronologia espacial do Recife, onde então foram buscadas as edificações de origem rural.

A partir dessas informações, emergiram dois tipos de diagramas: os sincrônicos e os diacrônicos, cujo modelo é delineado na figura 01. A abordagem diacrônica se dedica a descrever momentos históricos específicos, estudando e delineando como a arquitetura rural se inseria e evoluía na cidade do Recife. Por sua vez, o

enfoque sincrônico se interessa pela evolução ao longo do tempo, traçando uma linha do tempo retrospectiva que visa entender as relações estabelecidas ao longo das eras.

No contexto dos mapas sincrônicos, uma cor singular é atribuída a cada ano estudado, proporcionando uma representação uniforme das edificações rurais no ambiente urbano do Recife. Estes mapas capturam uma época específica. Por outro lado, os mapas diacrônicos sintetizam a trajetória das edificações ao longo dos anos, empregando uma paleta de cores graduais para indicar a década de cada objeto arquitetônico, bem como sua preservação ao longo do tempo. Essa abordagem cronológica revela áreas com possíveis menores transformação e maior probabilidade de permanência, destacando regiões que poderão ser futuramente examinadas em visitas presenciais para uma análise mais detalhada.

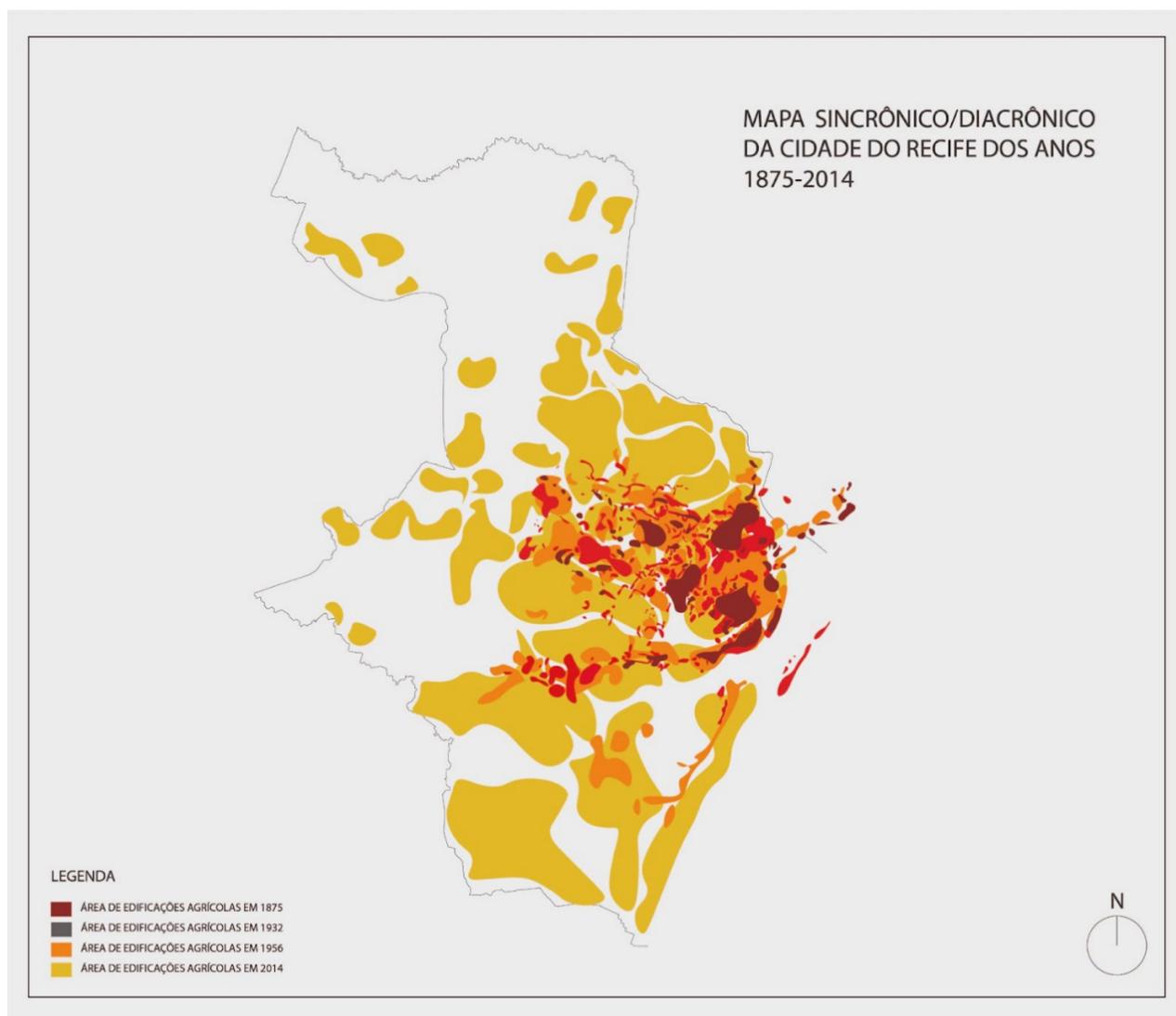


Fig. 02 Diagrama Sincrônico da Cidade do Recife 1875-2014 Fonte: Autores com base em Museu da Cidade do Recife

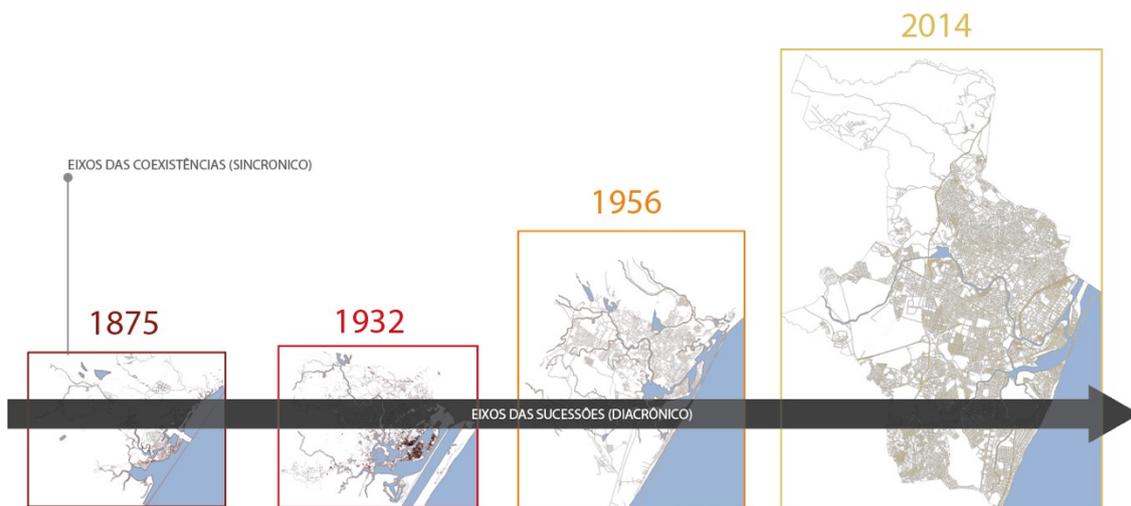
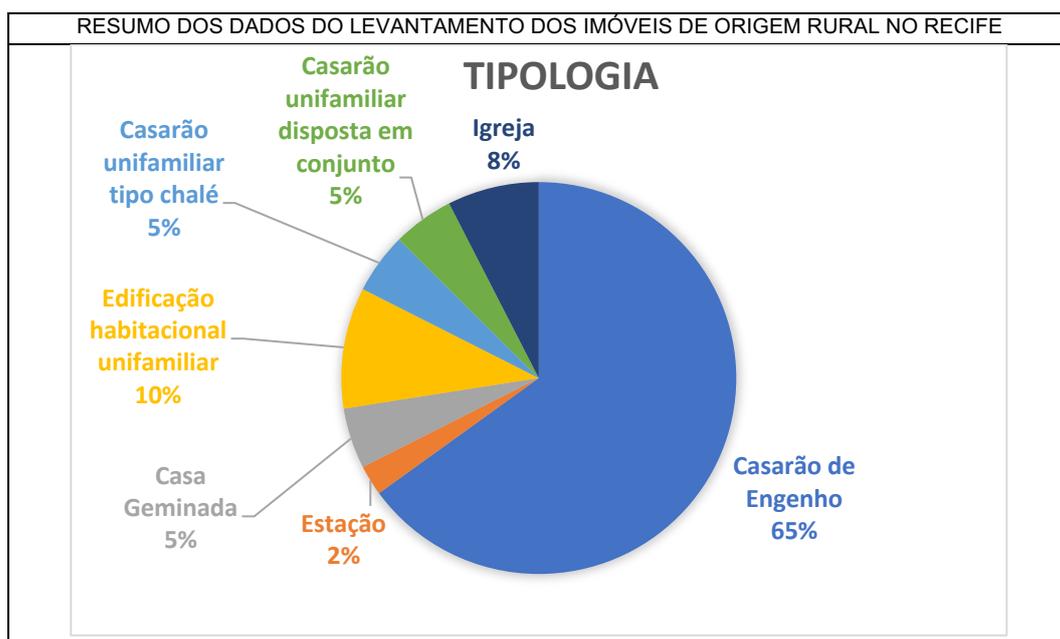


Fig. 03 Linha do tempo diacrônica Fonte: Autores com base em Museu da Cidade do Recife

Na figura 1, consegue-se ver a expansão urbana através do tempo, colocando em perspectiva um comparativo do mesmo lugar de análise em diferentes épocas, observando assim as progressões a partir da passagem do tempo. Por outro lado, na figura 2, sob uma perspectiva diacrônica, podemos observar tanto os agrupamentos e a expansão da cidade acontecendo com o tempo, quanto individualmente. Quando se analisa o mapa de 1932, observam-se alguns agrupamentos urbanos acontecendo, podemos ver para onde a cidade se expande e, assim, compreender acontecimentos históricos e urbanísticos desta determinada época.

Já sobre as edificações, por meio da realização da análise morfológica, que visa à compreensão da edificação de forma conjunta ao seu lote, e a tipológica, determinando características que o classificam em um tipo, portanto morfo-tipológica, de modo que essa “morfologia é condicionadora da tipologia edificada e é determinante para a forma urbana” (Lamas, 1992: 86), foi identificada uma parcela de edifícios, numa amostragem com cerca de 40 construções, que apresentam caráter rural na cidade do Recife. A tabela 01 contém os dados encontrados por pesquisa *in-loco* das edificações localizadas, apresentando de forma condensada informações sobre a localização, tipologia, morfologia do terreno, função e a presença de atividade agrícola adjacente à edificação.



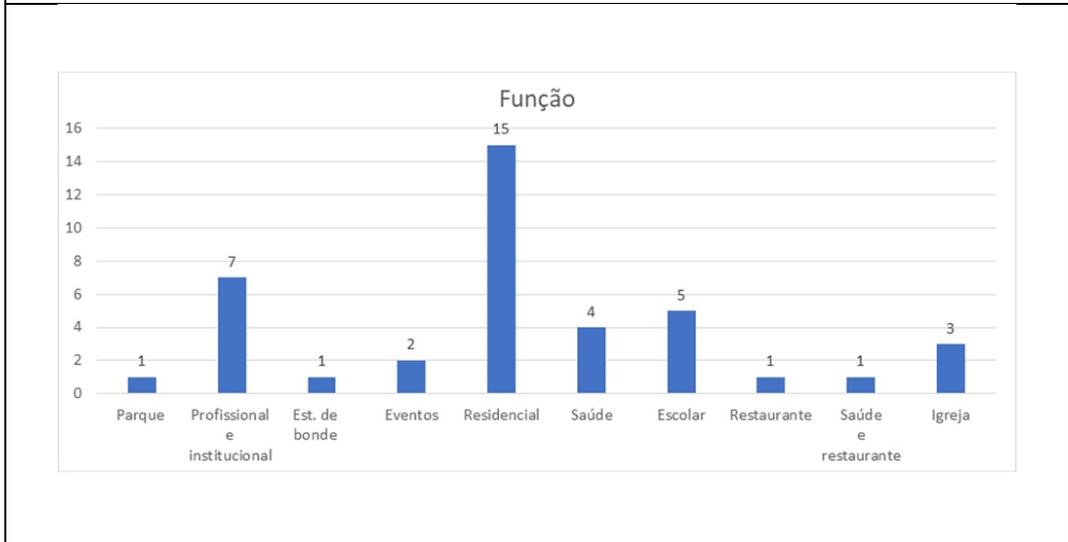
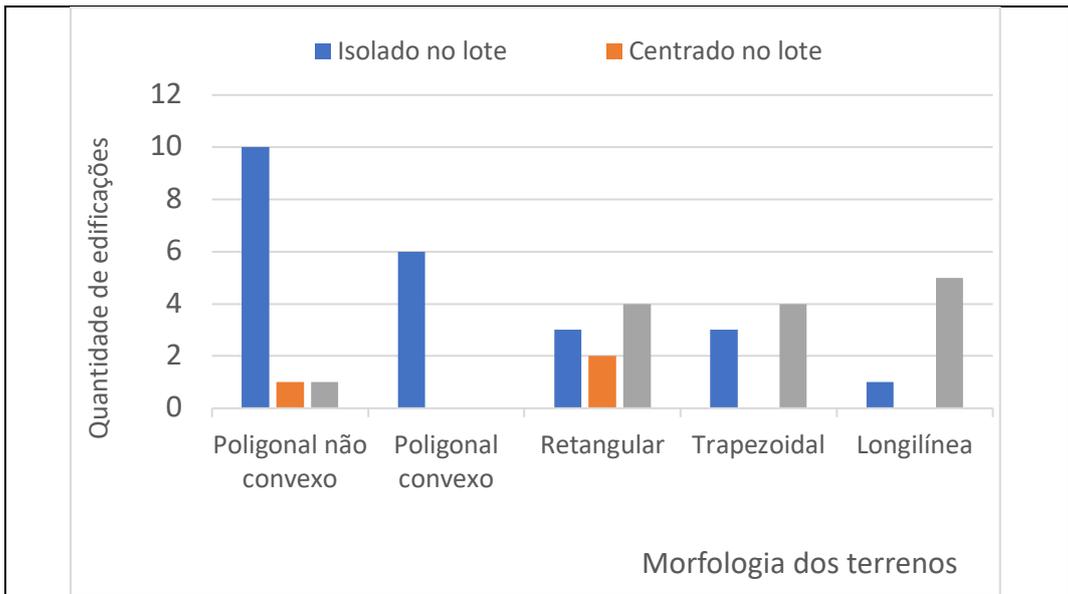


Tabela 01 resumo dos dados do levantamento dos imóveis de origem rural no Recife Fonte: autores

Comparando-se os resultados mostrados na tabela ao que inicialmente eram Casas Grandes, nota-se que, apesar das construções serem em sua maioria casas de engenho, descritas como sendo “centros de grande atividade, de cultura, de população numerosa, verdadeiras zonas de riqueza e de prosperidade [...]” (Costa Filho, 1944: 32), uma quantidade ínfima ainda resiste apresentando algum tipo de atividade agrícola em seu entorno. Partindo desse princípio e observando novamente o mapa de 1932 que explicita a expansão do meio urbano no território da cidade do Recife, Georges Duby, um historiador francês do século passado, afirma que “as cidades se tornam donas de tudo e o campo verdadeiro servo e subordinado.” (Duby, 1973: 11). Desse modo, conforme anteriormente referido, há a preocupação com a preservação dos elementos naturais da paisagem do meio rural dentro da área urbana, mantendo-se, assim, uma política de proteção e preservação ainda vigente.

Pondo em pauta o mapa de 1932, segue abaixo a localização dos edifícios rurais localizados na cidade do Recife, no ano de 2022. Com isso, é possível compreender por meio dessa investigação, de natureza preliminar, a importância da valorização do espaço e da paisagem para o contexto no qual “O mundo rural, em uma sociedade urbana, não é um espaço à espera da urbanização ou da desertificação; é um território com vida socioeconômica específica e irredutível às dinâmicas urbanas” (Jean, 1985: 431).

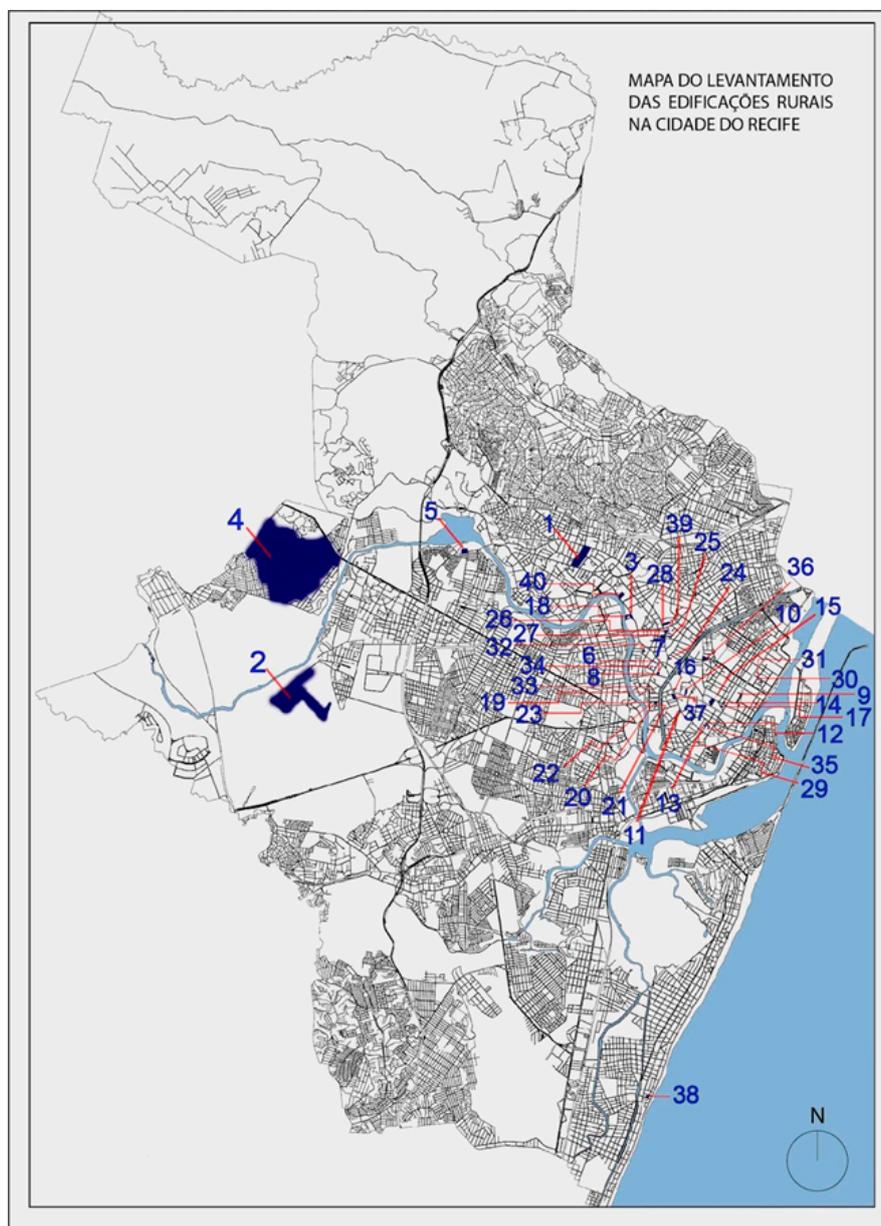


Fig. 04 Levantamento das edificações de origem rural registradas no Recife Fonte: Autores com base no mapeamento da FIDEM

LEGENDA – MAPA DO LEVANTAMENTO DAS EDIFICAÇÕES RURAIS NA CIDADE DO RECIFE	
1. Sítio da Trindade;	21. Casarão da Praça do Derby, 149;
2. Engenho São João - Várzea, 700;	22. Casarão da Praça do Derby, 217;
3. Estação Ponte D'Uchoa - Av. Rui Barbosa;	23. Casarão da Praça do Derby, 223;
4. Coudelaria Souza Leão - Várzea;	24. Casarão Av. Cons. Rosa e Silva, 236;
5. Casarão do Barbalho - Iputinga, 131;	25. Casarão Av. Cons. Rosa e Silva, 720;
6. Casarão da Rua das Creoulas, 58;	26. Casarão Av. Cons. Rosa e Silva, 810;
7. Casarão da Rua das Creoulas, 156;	27. Casarão Av. Cons. Rosa e Silva, 707;
8. Casarão da Rua Joaquim Nabuco, 240;	28. Casarão Av. Cons. Rosa e Silva, 950;
9. Casarão da Rua do Hospício, 751 (JUCEP);	29. Casa da Rua do Jasmim, 136;
10. Casarão da Av. Conde da Boa Vista, 1424 (antiga Escola de Arquitetura);	30. Casa da Rua Capitão Lima, 280;
11. Casarão da Rua Dom Bosco, 779 (Centro Josué de Castro);	31. Casa da Rua Capitão Lima, 307;
12. Casarão da Rua José Alencar, 346;	32. Casa da Rua das Graças, 326;
13. Casarão da Rua José Alencar, 404;	33. Casa Praça do Derby, 73;
14. Casarão da Rua do Riachuelo, 646;	34. Casarão da Rua das Pernambucanas, 92;
15. Casarão da Avenida Oliveira Lima, 867;	35. Casarão da Rua José Alencar, 367;
16. Casarão da Rua Dom Bosco, 1216;	36. Conjunto da Avenida João de Barros, 594 (Cons. PE Música);
17. Casarão da Rua Corredor do Bispo, 90;	37. Conjunto da Av. Governador Carlos de Lima Cavalcanti, 9 (EMLURB);
18. Casarão da Avenida Rui Barbosa, 1397;	38. Igreja Nossa Senhora de Boa Viagem;
19. Casarão da Praça do Derby, 17;	39. Capela Nossa Senhora dos Aflitos;
20. Casarão da Praça do Derby, 115;	40. Capela de Nossa Senhora da Conceição.

Tabela 02 Legenda do mapa de levantamento das edificações de origem rural registradas no Recife Fonte: Autores

Por fim, ressalta-se que a expansão e modernização urbanística na cidade do Recife ocorreram com maior força entre os anos 20 e 60, com as expansões de casas isoladas no lote (Moreira, 2020: 02), tais expansões de oferta foram decorrentes de investimentos voltados para a construção e ampliação da estrutura viária, tendo como ponto principal os bairros centrais do Recife, de Santo Antônio e São José e de vias axiais, o que permitiu o elo com bairros da periferia.

Através da análise dos mapas produzidos, podemos perceber não apenas a expansão urbana em relação à área rural, mas também a permanência de zonas ocupadas ao longo do tempo. A partir daí, se torna possível uma análise mais aprofundada das edificações presentes nessas regiões para um conhecimento mais apurado das reminiscências arquitetônicas históricas e culturais.

1.4. Considerações finais

O levantamento cartográfico e a análise de áreas rurais presentes na cidade do Recife permitiram o reconhecimento das edificações que estão em condições não favoráveis e/ou em desuso. A partir dessa identificação, tornou-se possível desenvolver um estudo acerca do restauro, da preservação e da ativação dessas edificações, levando em consideração a importância histórica, cultural e social delas para a cidade do Recife.

Ao se identificar a desativação dos edifícios de uso rural no contexto urbano de Recife, causada pela exclusão das atividades rurais através da legislação, o estudo procurou entender que usos, de acordo com as necessidades do espaço em que cada edificação está inserida, seriam interessantes para a população local de modo que, de fato, se faça usufruto das construções de acordo com suas funcionalidades. Em alguns casos ainda é possível, respeitando-se a legislação da cidade do Recife, entender como retomar pequenas atividades que possam movimentar a produção rural valendo-se dessas edificações inseridas no contexto urbano, de forma a contribuir com atividades primárias dentro da cidade, gerando empregos, movimentando a economia, aproveitando as edificações em desuso existentes na cidade e facilitando o transporte e o acesso aos produtos orgânicos.

1.5. Agradecimentos

Primeiramente, gostaríamos de agradecer à Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, pela oportunidade para o desenvolvimento da pesquisa acadêmica dentro do Programa Institucional de Iniciação Científica, PIBIC. Em segundo lugar, agradecemos à Fundação Antônio Santos Abranches – FASA pelo financiamento das bolsas de iniciação científica, essenciais para a manutenção dos alunos bolsistas na elaboração deste artigo.

1.6. Referências

- Bauman, Z. (2013). *Modernidade líquida*. John Wiley & Filhos.
- Costa Filho, O. (1944). O Recife, o Capibaribe e os antigos engenhos. *Revista do Norte*, (2).
- Di Maio, S., & Berengo, C. (2011). Nós somos a paisagem: como interpretar a Convenção Europeia da Paisagem. *Guimarães. MAPa2012*.
- De Carvalho, I. V., Silva, G. A. F., & Melo, M. M. E. (2022). O Recife Cresce: Um estudo da cartografia e legislação municipais em busca das permanências rurais. **Revista Urbano & Rural**, Recife.
- Duby, G. (1991). Quelques notes pour une histoire de la sensibilité au paysage. *Etudes rurales*, 11-14.
- Harvey, D. (2012). O espaço como palavra-chave. *GEOgraphia*, 14(28), 8-39.
- Hawking, S. (2015). *Uma breve história do tempo*. Editora Intrínseca.
- Jean, B. (2011). *Agriculture et développement dans l'Est du Québec*. PUQ.
- Lamas, J. M. R. G. (1992). Morfologia urbana eo desenho da cidade. *Fundação Calouste Gulbekian: Lisboa, Portugal*.
- Leitão, L., & Lacerda, N. (2016). O espaço na geografia e o espaço da arquitetura: reflexões epistemológicas. *Cadernos Metrópole*, 18, 803-822.
- Maximiano, L. A. (2004). Considerações sobre o conceito de paisagem. *Raega-O Espaço Geográfico em Análise*, 8.
- Moreira, F. D., & Saraiva, K. (2018). Dos subúrbios coloridos aos horizontes molhados: a expansão urbana do Recife nos anos 1920. *Anais do XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Rio de Janeiro: UFRJ*.
- Nakayama, K. A., Machado, M. S., & Cantarim, F. Sobre dinâmicas urbanas brasileiras: permanências e impermanências. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, 2359, 1552.
- Rozestraten, A. S. (2015). Ensaio para diálogos futuros sobre o espaço indizível. *arq. urb*, (14), 238-241.
- Santos, M. (2002). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção* (Vol. 1). Edusp.
- Saussure, F. de (2008). *Curso de linguística geral*. Editora Cultrix.
- Serafim, A. R. M. D. B. (2012). *Transformações do espaço urbano da cidade do Recife-PE como produto e condição de reprodução das intervenções urbanas: análise dos projetos de requalificação* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- Silva, J. M., & de Melo, E. M. (2016). SÁ CARNEIRO, ANA RITA. PARQUE E PAISAGEM: UM OLHAR SOBRE O RECIFE. RECIFE: ED. UNIVERSITÁRIA DA UFPE, 2010. 168P. *Boletim de Geografia*, 34(1), 186-188.
- Simmel, G. (2009). A filosofia da paisagem. *Covilhã: Universidade da Beira Interior*.
- Zevi, B. (1996). *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes.